

Polissemia e mudança linguística

Maria Teresa Brocardo

Abstract: The concept of polysemy is recurrently used in historical linguistics, in particular to underline the specificity of semantic change as opposed to changes in other linguistic levels.

In this presentation, traditional approaches of (lexical) semantic change were reviewed, emphasizing the role of the concept of polysemy in specifically diachronic studies of meaning. As observed by reference authors, polysemy may be considered a condition on semantic changes, since at least one polysemous phase is always presupposed, even if this fact is not synchronically observable. The mutual consequences of this observation are that (a) the diachronic approach provides a privileged perspective for those cases where apparently non-related meanings coexist for one form and (b) polysemy is defined by different but related meanings.

The search for more general principles on semantic change led linguists to adopt different research strategies. The study and comparison of an increasing number of languages as well as the inclusion of 'grammatical' meaning in the domain of semantics, enabled the formulation of generalizing hypothesis, like the 'unidirectionality' principle or tendency proposed in grammaticalization framework.

As a conclusion, an example from the history of Portuguese was briefly presented – the verb 'haver' and the competing 'ter' form – arguing in favor of the complementation of the semasiological and onomasiological approaches of semantic change.

Mudança semântica – abordagens 'tradicionais'

Desde os estudos mais tradicionais sobre mudança semântica, é comumente aceite que o 'significado' está particularmente sujeito a mudança, sublinhado-se a relação deste processo com factores não linguísticos. "Cada palavra tem a sua história", a conhecida afirmação atribuída a Gilliéron, supostamente como reacção às generalizações neogramáticas sobre mudança fonética, sintetiza esta perspectiva da mudança ao nível semântico, ao mesmo tempo que sublinha a referida

relação e restringe o seu âmbito ao nível lexical.

Quer as taxinomias dicotómicas de Ullmann (1957), quer a proposta em torno de aspectos 'estruturais' da mudança semântica de Coseriu (1964) pretendem já de algum modo avançar em relação a abordagens assumidamente casuísticas desenvolvidas no âmbito de diferentes tipos de trabalhos – de etimologia ou dialectologia, por exemplo.

Ainda assim, trabalhos como os citados corresponderiam, na essência, a uma classificação de mecanismos observados a partir da descrição de mudanças

específicas, centrando-se, portanto, nos resultados da mudança, sem propriamente avançar na proposta de generalizações sobre a sua motivação (v., por exemplo, Dworkin 2006: 51).

Polissemia como definidora da especificidade da mudança semântica

Em qualquer caso, o conceito de polissemia é recorrente em linguística histórica, nomeadamente para sublinhar a especificidade da mudança semântica em contraste com mudanças de outros níveis, visto que é possível que uma palavra adquira um novo significado sem perder o anterior. Teríamos, assim, esquematicamente, uma mudança que, ao invés de assumir a o percurso $A > B$, consistiria em $A > A, B$. Mas, mais do que isso, uma fase polissêmica (pelo menos) é sempre pressuposta na alteração de significado de uma dada forma. Diferentemente do que supostamente ocorre noutros níveis de análise, ao nível semântico a inovação não é nunca uma substituição – $*(A > B)$ não é uma formalização adequada para a mudança de significado, mas sim $A > A, B > B$. Como ilustrado por Guilbert (1975) (apud McMahon 1994: 177), em exemplos como o fr. *voler*, em que coexistem sincronicamente significados aparentemente não relacionados, “voar” e “roubar”, isso apenas significa a perda (obsolescência) de um significado intermédio, o de *voler*

como termo usado em falcoaria para designar a ave que, voando, agarra a presa, e daí o significado inovador “roubar”. Esquematicamente: $A > A, B > A, B, C > A, C$.

Assim se chega a uma generalização sobre mudança semântica, formulável como ‘nenhuma mudança de estrutura semântica de um item lexical é possível sem uma fase (intermédia) de polissemia’ (cf., p.ex., Sweetser 1990), ao mesmo tempo que se torna claro que excluir da análise semântica a diacronia poderia levar à identificação de falsos contra-exemplos em termos de definição de polissemia, ainda que estes sejam raros (‘princípio de persistência’).

Este tipo de observações tem, pois, implicações mútuas para a diacronia e para a delimitação do conceito de polissemia: (a) só a abordagem diacrónica permite, em certos casos, esclarecer a coexistência de significados aparentemente não relacionados; (b) a polissemia define-se por significados diferentes mas relacionados, ou parcialmente sobrepostos.

Exemplos do tipo dos referidos parecem, ainda assim, evidenciar uma excessiva fixação em estudos de caso muito específicos, com condicionamentos extralinguísticos muito particulares, dificilmente generalizáveis ou mesmo irrepetíveis.

Procura de generalizações sobre mudança semântica – unidireccionalidade?

A procura de generalizações mais abrangentes, ou de hipóteses explicativas mais fortes, levaria os estudiosos da mudança semântica a adoptar novas estratégias.

A procura de regularidades inter-linguísticas levou ao surgimento de abordagens de inspiração cognitivista, que procuraram, através da análise e comparação de sistemas linguísticos à partida aparentemente muito diferentes, chegar à formulação de princípios assumidos como gerais, procurando, portanto, escapar a uma concentração em condicionamentos de carácter necessariamente específico ou particular. Esta estratégia – comparação de línguas – levaria a hipóteses que apontavam para a identificação de padrões de mudança envolvendo processos metafóricos e metonímicos unidireccionais, decorrentes de um princípio definível como 'abstracto < concreto' (cf. Traugott 1985, Sweetser 1990), tendo como base o pressuposto de que a mudança semântica (tal como o significado) é estruturada pela cognição.

Analisemos dois dos exemplos (clássicos) deste tipo de generalizações.

O primeiro diz respeito à palavra *comprender*, “compreender”, do lat. *COMPRAEHENDERE*, “ligar”, mudança

supostamente ilustrativa do processo caracterizável como seguindo a direcção ‘interior’ < ‘exterior’. Tendo, porém, em conta a conclusão acima referida sobre a impossibilidade de a inovação ser uma substituição (*A > B), basta-nos conferir o exemplo e verificar que, de facto, a palavra seria já polissémica em latim – entre os seus significados possíveis contam-se “abranger” e “perceber” (sensorialmente), tal como é polissémica em português (incluindo o sentido “abranger”). Temos, portanto, garantida a condição sobre polissemia, que uma apresentação mais simplificada do exemplo poderia ocultar.

O segundo exemplo pretende ilustrar a direcção de mudança correspondente a ‘modalidade epistémica’ < ‘modalidade deontica’, na palavra *poder* “ser capaz de”, “ter permissão para”, ‘probabilidade’, do latim *POSSE*, “ser capaz de”. Sobre este exemplo há sobretudo a notar que a forma latina, em construções impessoais, teria já o valor “ser possível”, o que mais uma vez confere a referida condição sobre polissemia.

Polissemia no ‘léxico’ e na ‘gramática’

Uma outra estratégia adoptada na área consistiu em incluir no âmbito de estudo da mudança semântica não só o significado 'lexical' mas também o 'gramatical', porque à partida mais limitado em termos de diversidade e portanto mais facilmente

generalizável – “Regularities can be found, after all, provided one looks in the right place. This place seems to be grammar.” (Kortmann 1999: 10).

Enveredar-se-ia, assim, por exemplo, por um tipo de abordagem que se identifica como 'gramaticalização'. Não se tratando de um conceito novo, a sua exploração em linguística histórica pretendeu não só generalizar ao nível semântico, mas também alargar (ou discutir) o referido princípio / tendência de 'unidirecionalidade' a mudanças transversais em termos de níveis de análise. Neste contexto, poder-se-á considerar que a noção de polissemia passará a ser confrontada com conceitos complementares ou alternativos, como os de heterossemia, plurifuncionalidade, forma esquemática, 'force-dynamic properties' (sobre este último, v. Brugman 2001), sempre visando uma maior adequação descritiva e / ou explicativa dos fenómenos linguísticos em sincronia e em diacronia.

O conceito de heterossemia, naturalmente derivado do de polissemia, pretende especificar a ocorrência de significados diferentes, mas relacionados, em formas de classes diferentes, abertas ou fechadas (cf. Enfield 2006). Um tipo particular de heterossemia, a heterossemia transcategorial, restringe este tipo de conceito à relação entre formas de classes abertas e fechadas. Visto que a gramaticalização se

define (genericamente) como um processo que envolve uma transição de 'lexical' > 'gramatical', será oportuno considerar a adequação deste conceito para descrever as relações entre formas correspondentes a diferentes estádios de gramaticalização, quer remetendo para a diacronia, quer para a sua co-ocorrência numa dada sincronia.

Convirá, no entanto, notar, que a gramaticalização, perspectivada em diacronia, não se restringe a mudança semântica, pelo menos no sentido clássico da expressão, envolvendo tipicamente diferentes níveis de análise. É claro que foi já muitas vezes notado que as mudanças linguísticas que operam num dado nível de análise podem ter reflexos noutra. (Lembre-se, como exemplo, a extensão de alternâncias fonológicas resultantes de metafoia em formas do tipo *fogo / fogos* a pares como *olho / olhos*, que evidencia a reinterpretação de alternâncias estritamente fonológicas para alternâncias morfofonológicas.) Contudo, a gramaticalização tende a ser vista como a mudança transversal, em termos de nível de análise, por excelência.

Um exemplo: a polissemia (?) de *haver*

Apresentam-se em seguida alguns exemplos de ocorrências de *haver* em textos portugueses dos sécs. XIII a XV, de modo a ilustrar algumas questões que se

podem colocar a uma análise diacrónica que recorra ao conceito de polissemia.

Haver ocorre, como em português actual, com um valor de existencial – cf. 1 – mas nesse tipo de uso concorre em português medieval com *ser* – cf. 1a:

1. *Mas seguyo-se que sempre
depois amtre elles ouve muy
gramdes guerras
1a. mas vos sabeis como eu são
vassallo dell rrey de Castella e as
pazes que são de hu~a parte a
outra (séc. XV ZPM)*

Contrariamente ao que acontece em português actual, *haver* exprime diferentes valores genericamente caracterizáveis como ‘posse’ – cf. 2 – mas, desde os textos mais antigos, encontramos também numerosos exemplos de *ter* – cf. 2a:

2. *As. Nossas meyas casas que nos
Auemos em Rua çapateira (1353
DPs)
2a. as quaes casas Johã du~nho te~
per plazo do Conue~to do
Monsteiro de Poõbeiro (1365 DPs)*

Na verdade, uma análise atenta das ocorrências destes dois verbos parece evidenciar uma diferenciação de valores entre as duas formas (genericamente correspondente a ‘posse estrita’ e ‘posse perspectivada como transitória’ – cf. Brocardo 2006), que virá a desaparecer com a inteira substituição de *haver* por *ter*. Um estudo diacrónico aprofundado desta evolução deverá também, naturalmente,

considerar as ocorrências de *haver*, bem como as de *ter*, com outros valores e em diferentes construções, como no seu uso com valor epistémico – cf. 3, 3a e 3b – ou em construções do tipo das que levariam ao seu uso como auxiliares – cf. 4 e 4a:

3. *auedeuos por preso
3a. teuese por desonrado desto
3.b Outros tijnhã que porque os
mouros som grandes estrologos que
faziã parece~ça de fantasmas
d’omees de caualo. e nõ erã tantos
como pareciã (séc. XIV LLC)*

4. *nas sobreditas Casas [...] e e~no
sobredito sobrado [...] e e~no
sobredito oliual que lhys Assy
escambhados Auyã (1385 DPs)
4a. porque estaua mazelado das
suas herdades que lhi tijnha
forçadas dona sancha martijz (séc.
XIV LLC)*

Mas será ainda necessário considerar o funcionamento destes verbos como verbos leves em predicados complexos, caso em que uma diferente distribuição, na diacronia, de *haver* e *ter* parece indiciar que o segundo só passa a ocorrer com este tipo de funcionamento mais tardiamente, ou seja, quando *ter* tem já um sentido mais geral que torna esse funcionamento possível (v. Brocardo ibid.) – cf. 5 e 5a:

5. *este cõde dõ echigi gicoy auia
cõtenda cõ o conde dõ mee~ soarez
de
nouellas (séc. XIV LLC)
5a. Capitolo seisto como ell rrey
teve comselho sobre a gemte que*

*avia de ficar na çidade (séc. XV
ZPM)*

O que se pretendeu (muito brevemente) ilustrar com este exemplo foi um estudo que tome como ponto de partida a caracterização de uma dada forma – neste caso *haver* – como polissémica. Assim, uma caracterização inicial assente na aceção clássica de polissemia – uma forma, vários significados – necessariamente se desenvolverá em termos de aprofundamento da noção, explorando igualmente as relações entre diferentes ocorrências que remetem para a diferentes classes semânticas e sintáticas, bem como para a relação entre diferentes formas ‘em competição’, sincrónica e diacronicamente, na expressão dos valores que lhes estão associados.

Em jeito de conclusão

Em jeito de conclusão, mas também como ponte para futuros desenvolvimentos e discussões, termino sintetizando os dois aspectos que pretendi sublinhar em relação ao tema proposto:

- O conceito de polissemia é crucial, enquanto conceito operativo, para a análise diacrónica, visto que permite delimitar a especificidade da mudança ao nível semântico, evidenciando a necessidade de uma articulação entre fenómenos sincrónicos e diacrónicos.

- O conceito de polissemia pode ser ponto de partida para desenvolvimentos teóricos e metodológicos na análise do funcionamento e evolução de formas e estruturas, tendo em vista a formulação de generalizações. Nesses desenvolvimentos, começando por assumir a necessária complementação / articulação de perspectivas onomasiológicas e semasiológicas, saliente-se o confronto com conceitos complementares ou alternativos (heterossemia, plurifuncionalidade, forma esquemática, ‘force-dynamic properties’...), visando uma maior adequação descritiva e a formulação de hipóteses explicativas.

Referências

- Brocardo, Maria Teresa 2006. “Haver e ter em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV”. *Revue de Linguistique Romane* 70, pp. 95-122
- Brugman, Claudia 2001, “Light Verbs and polissemym”, *Language Sciences* 23, pp. 551-578
- Coseriu, Eugenio 1964. “Pour une sémantique diachronique structurale”. In *Travaux de Linguistique et de Littérature* 2, pp. 139-186
- Dworkin, Steven N. 2006 “Recent Developments in Spanish (and Romance) Historical Semantics”. In Face, Timothy L. & Carol A. Klee (eds) *Selected Proceedings of the 8th Hispanic*

Linguistics Symposium. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 50-57

Enfield, N. J. 2006. "Heterosemy and the grammar-lexicon trade-off". In Ameka, Felix, Alan Dench, & Nick Evans (eds) *Catching Language*. Berlin: Mouton, pp. 297-320

Kortmann, Bernd 1999. *Linguistik: Essentials*. Berlin: Cornelsen

McMahon, April M. S. 1994, *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press

Sweetser, Eve. 1990. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

Traugott, Elizabeth Closs 1985. "On regularity in semantic change". *Journal of Literary Semantics* 15, pp. 155-173

Ullmann, Stephen 1957. *The principles of semantics*. Oxford: Blackwell

Referências das fontes dos exemplos

(DPs) Martins, Ana Maria (2001) *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: IN-CM

(LLC) Brocardo, Maria Teresa (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: IN-CM

(ZPM) Brocardo, Maria Teresa (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT